



## **Cultura e mito : Índios Bororos (Boe)**

**MANOEL FRANCISCO  
MANOELA ALEIXO ZANINETTI SILVA**  
[mafransil@gmail.com](mailto:mafransil@gmail.com)

*Cultura e mito : Índios Bororos (Boe):* Segundo estudos arqueológicos, o povoamento das Américas data-se de aproximadamente 12.000 anos atrás, havendo evidências de achados arqueológicos na América do Sul, especificamente na Colômbia à 11.000 anos e em Minas Gerais (BR) à 12.000 anos<sup>65</sup>.

A sociedade Bororo foi, dentre os povos indígenas sul-americanos, uma das mais estudadas do ponto de vista etnológico, o que se explica por sua complexa organização social, rica cultura material e elaborada vida cerimonial. Tal sociedade localiza-se no estado de Mato Grosso, região Centro-Oeste do Brasil, com população estimada em 914 indivíduos<sup>2</sup>.

Abordaremos aqui a cultura dos Bororos (Boe) na visão da Pesquisadora Sylvia Caiubi Novaes (MOITARÁ)<sup>3</sup>. Partindo de categorias bastante gerais presentes nas

<sup>65</sup> Temática indígena na escola, pág. 293

<sup>2</sup> População estimada no ano de 1994, segundo o livro A temática indígena na escola, pág. 38

<sup>3</sup> O simbolismo nas culturas indígenas brasileiras, pág. 165

sociedades indígenas. A primeira dessas categorias é a noção de tempo, que é uma noção fundamental para poder localizar-se no mundo. Para os Bororos, o tempo é cíclico, em oposição à nossa visão que é de tempo seqüencial e linear. Tal noção cíclica é baseada na Lua, pois ela faz um eterno retorno nas suas fases, isto é, a Lua nova, a Lua crescente, a Lua cheia, a Lua minguante, para voltar ao que o Mircea Eliade chama de “o período das trevas”, que é a Lua nova. Quando os Bororos, por exemplo, marcam um encontro eles citam a época em que o milho estiver maduro ou a época em que o peixe estiver descendo o rio, o que quer dizer que é uma noção de tempo extremamente concreta, que parte das coisas em si. Os Bororos tem o limite de conhecimento numérico até 4. Há, assim uma necessidade de precisão muito menor. Quando querem se referir a um objeto, a uma pedra, eles não falam a quantidade de anos e sim, “esse objeto é muito antigo”, “esse objeto é velho, velho mesmo”, “do tempo que não tinha homem, não tinha árvore, que não tinha macaco”. Para eles o que é importante é aquilo que foi definido num tempo mítico e é narrado nos mitos. Então, em todos os rituais, o que eles pretendem, o que evocam, é uma eterna revivescência desse tempo mítico. O indivíduo, quando participa de um ritual revive aquilo que é narrado no mito. Quando os Bororos têm que executar alguma coisa, o executam com a justificativa de que seus antepassados assim o faziam, ou baseado numa história que conta que é para fazer daquela forma, dada pelo mito.

Um outro aspecto seria o da organização social. A divisão de trabalho nessas sociedades é extremamente simples, uma vez que tem como único critério a divisão sexual do trabalho. Os homens fazem certas coisas e as mulheres fazem outras. O que cabe a um e a outro varia, dependendo da sociedade. Cada indivíduo é auto-suficiente, pois cada um produz tudo o que precisa para viver. Para caçar ele precisa de um arco e uma flecha, que são produzidos por eles mesmos. Para pescar usam varas e linhas tecidas por eles. As mulheres produzem cestos para carregar mantimentos, lenha e outras coisas. Eles mesmos constroem suas casas, e a socialização das crianças é feita dentro da própria família, independentemente de instituições para ensiná-los. Em caso de doença, utilizam ervas e raízes extraídas das matas.

Quando um índio resolve não trabalhar, ele não come. Porque sua missão é de buscar o alimento e de sua mulher prepará-lo. Caso ele não o busque, ela de imediato chama sua atenção e até mesmo o dispensa e troca por outro marido disposto a prover-lhe a subsistência. Não existe um chefe para dizer para fazer isso ou aquilo, porque na tribo não há uma pessoa ou um órgão que centralize a possibilidade de influenciar o comportamento dos outros, de determinar o que deve ou não ser feito. Existe sim uma tradição, que é incorporada por cada um dos indivíduos, e não por um só, que vai tomar a si o cargo de impor essa tradição aos outros. Existem sanções também. Se o marido não quer trabalhar, então ele é despedido, perde portanto, o direito de ter uma mulher que complete as suas funções. Caso o pai não queira alimentar os filhos numa sociedade matriarcal, é o irmão da esposa que vai resolver o caso pessoalmente com o índio em questão. Caso não tenha sucesso no seu intento ele passa a cuidar da criança.

Essas sociedades indígenas são divididas em segmentos que são muito diferenciados. Mas essa diferenciação dos segmentos não se coloca numa escala hierárquica, esses segmentos sociais são ao mesmo tempo diferenciados e complementares. Isso tanto ocorre nas sociedades dos Bororos como em todas as sociedades indígenas que passam por um processo de segmentação, e não de uma estratificação social como é a nossa.

Os indivíduos sabem aquilo que deve ou não ser feito, cabe a cada um decidir se faz ou não de acordo com o que é considerado certo. Há inúmeros indivíduos que fazem coisas erradas, fora daquilo que é tradicionalmente estabelecido como adequado, mas ninguém que não seja afetado diretamente por essa conduta tem o direito de dizer que ele está agindo de modo incorreto, não havendo portanto, instituição do poder do ponto de vista punitivo.

Quanto à produção, cada índio é uma unidade e uma totalidade. Sendo uma totalidade só precisa das suas coisas para sobreviver. Então, por exemplo, não precisa de 400 flechas, e sim de 3 flechas, que é o suficiente. Todos os indivíduos então têm acesso

aos recursos, todos podem participar igualmente daquilo que a terra oferece. Para que a sociedade continue existindo, eles têm uma preocupação demográfica, razão pela qual fazem controle de natalidade. Tal controle é feito através das regras específicas de casamento em que o casal se resguarda abstendo-se de manter relações sexuais por um longo período após o nascimento de um filho.

Cada família possui um pedaço de terra. E é responsável por ela enquanto usa. Ao final de 4 ou 5 anos eles se mudam para que a terra entre num processo de descanso. Essa mudança é decidida de forma coletiva, porque havendo a mudança de uma família as outras famílias que formam a maloca (que é uma unidade) são levadas juntas.

Há entre eles troca de produtos mas como uma relação social, não havendo a preocupação em ganhar ou perder na transação. Entre os Bororos e a maioria dos índios; o trabalho está impregnado de atividades rituais, de música e de prazer. Eles não saem de casa para trabalhar e depois voltam, para então sair e se divertir. Eles fazem tudo junto. O trabalho é ritualizado, toda atividade produtiva é também uma atividade ritualizada, cheia de lazer, com interrupções que não têm horário fixo.

O homem indígena exerce praticamente a totalidade de sua cultura, a família é auto-suficiente. Quanto a questão da morte, há para eles um problema de continuidade e não de interrupção. Para eles não é a morte que acaba, é o morto que fica na lembrança e vai sempre aparecer para ser cultuado na vida cotidiana e nos rituais. Quando um indivíduo morre toda a comunidade pára e passa a viver em função do funeral daquele indivíduo. A sociedade se volta totalmente para aquele funeral. O indivíduo morto imediatamente passa a ter um pai e uma mãe rituais que vão passar a cuidar dele e de sua alma e também o morto passará a ter um substituto social na Terra que é para os Bororos da metade oposta. No exato momento da sua morte ele se transforma num animal, em geral qualquer animal que possa ser comido por uma onça. O índio da metade oposta que ficou como substituto social do finado, vai ter por obrigação caçar uma onça. Então, esse indivíduo durante muito tempo será preparado ritualmente, haverá cantos, festas, rituais, e ele partirá para caçar

uma onça e só voltará depois de tê-la abatido. Nesse momento ele estará recuperando o morto, pois a onça comeu o animal em que o morto se transformou. Então ele caça essa onça e leva para o pai e para a mãe do morto o que é uma forma de recompensar os parentes daquilo que eles perderam. Mas essa recompensa é indireta pois ele não trará o fulano que morreu, e sim o fulano transformado agora em onça, que é um dos animais mais considerados, dos mais valiosos, um animal extremamente bravio. Após a morte da onça ele retira o couro e as carnes são distribuídas para os vários parentes. O couro da onça vai ser dado para o parente mais velho do morto, que o recebe e o dá para o seu parente mais moço, e cada parente vai dormir uma noite em cima desse couro da onça e, depois que todos tiverem dormido o couro ficará com o mais velho. O caçador, que é o substituto social do morto, irá receber dessa família vários adornos, uma flecha e tranças de cabelos das mulheres arrancados por elas próprias quando da morte do indivíduo. O substituto passa a ter o direito de receber comida como novo filho dessa família, e contribuirá ritualmente para ela, criando um vínculo que faz com que as coisas não parem, não se interrompam, ao contrário, continuem só que de uma nova forma.

O ritual funerário se estende por meses para qualquer indivíduo que morra, desde que tenha nome, pois que uma criança sem nome é meramente enterrada, pois ela ainda não foi identificada com o grupo. Nesse período tudo é feito em função do ritual funerário, são pescarias rituais, caçadas rituais, encontros ritualizados, e as crianças que porventura nascerem nesse período só vão receber nome quando o funeral estiver terminado. Só quando o morto tiver passado por todos os rituais de transformação, estiver em paz sossegado em sua categoria de *Aroe* então, novos indivíduos podem surgir, serem nominados em outras festas. O índio que fica no lugar do morto também se chama *Aroe* – é o *Aroe-maiwu* – e falam com ele aqueles que têm a capacidade de se comunicar com as almas, como o *Aroe Et-Awara Are* dos Bororo. Enquanto o funeral não termina acredita-se que essa alma está muito conturbada, está sofrendo muito com essa passagem de vivo para morto, de matéria, de corpo, para alma. É preciso que o funeral seja bem feito, que dure bastante tempo, para que haja condições de se adaptar ao novo status. Essa alma vai para o mundo das almas, que é um mundo muito distante, para cima, no céu, e tem uma forma semelhante ao mundo dos vivos e que também é dividido em metades, em clãs, em

linhagens. Mesmo que morram outros indivíduos durante o funeral o ritual prossegue coletivamente, embora individualizado. A mulher de certa forma passa a ter também um caráter mítico além do pragmático, pois ela também é mãe daquele indivíduo que morreu. É ela que preparará e enfeitará o cesto onde vão ser depositados os ossos do morto. Além do mais ela vai cozinhar para o substituto social do morto, porque agora é a mãe daquele indivíduo, é a mãe ritual dele, enfim preparará tudo para ele.

Outra forma de integração é que, quando um indivíduo morre, durante o funeral evoca-se sua alma e se cuida principalmente daquele indivíduo morto naquela hora. Todas as mulheres que participam do funeral relembram, em prantos, os filhos mortos e demais, elas se cortam e deixam cair o sangue por aquele indivíduo que morreu. O funeral tem uma força simbólica que faz com que o indivíduo volte para dentro dele mesmo. Os parentes próximos daquele indivíduo que morreu se isolam em suas casas, a vida social é praticamente suspensa.

Outra coisa que ocorre e que confirma o impedimento de acumulação de bens, é quando o indivíduo morre, com ele morre tudo que ele tem, sua casa, sua roça e todos seus pertences são queimados e aqueles utensílios que resistem ao fogo são quebrados e enterrados com eles (o sentido de quebrar parece não ser o sentido de inutilizar, é transformar num outro instrumento, que passa a ser sagrado). Supõe-se que outro indivíduo não possa usar seus pertences, pois esses utensílios, a exemplo do arco, é como se fossem ele mesmo e ele já não é aquela matéria que usava aquele arco, ele é outra coisa, com isso tem-se a noção de indivíduo mesmo. O seu nome não será nunca mais citado, passando a ser um tabu pronunciar o nome de um bororo que morreu. Morre o corpo e os objetos, morre tudo e ao mesmo tempo tudo continua. No momento em que ele morre o arco dele passa a ser sagrado e quando se quebra é uma transformação e não destruição. Há, portanto, entre eles sucessão e não herança. Quanto à questão do poder individual, ele não existe. Há um chefe que coordena, que é o porta-voz dos desejos da comunidade, mas não manda. Contudo há o indivíduo especializado, que é o xamã que tem a capacidade de curar e ao mesmo tempo de fazer o mal. Citamos abaixo um mito Bororo constante nas

## Mitológicas de Lévi-Strauss.

“O mito conta a história de um incesto cometido por um jovem índio com sua mãe. Ao descobrir a transgressão, o pai decide vingar-se e obriga o filho a realizar três missões impossíveis no “ninho das almas”. Com a ajuda de uma avó feiticeira, que coloca a serviço de seu protegido os poderes do colibri, do juriti e do gafanhoto, o jovem consegue realizar com sucesso as exigências paternas.

Frustrado em sua vingança, o pai convida-o, então, a acompanhá-lo na captura de filhotes de arara cujos ninhos se encontram nas encostas dos rochedos. Munido de um bastão mágico — presente da avó — o desaninhador de pássaros consegue livrar-se de todos os perigos, metamorfoseando-se sucessivamente em lagartixa, em quatro tipos de pássaros e em borboleta.

Depois de muitas aventuras, regressa são e salvo à sua aldeia, onde é recebido pelo pai com o canto de saudação dos viajantes que retornam, como se nada tivesse acontecido.

Disposto a não conceder o perdão nem ao pai, nem aos companheiros que o maltrataram, o herói leva a avó para um país longínquo e belo, e volta para realizar sua vingança.

Em uma caçada, fazendo-se passar por um veado, utiliza-se de falsos chifres e investe contra o pai, perfurando-o e jogando-o em um lago, onde a vítima é devorada por peixes canibais. Somente seus pulmões são poupados, e afloram à tona, sob a forma de plantas aquáticas. Mata ainda todas as esposas do pai, inclusive a própria mãe, e, por fim, envia para sua aldeia o vento, o frio e a chuva.”<sup>66</sup>

A história não termina aqui. Ao longo dos quatro volumes da *Mitológicas*, Lévi-Strauss acompanha o desdobramento do tema e suas múltiplas variações. O mito se alarga, se distende, se deforma, se concentra, se exaure. Por ele é possível depreender, entre outras coisas, a toponímia da aldeia bororo, a origem da chuva, do frio, do vento, e das plantas aquáticas. E ainda a ligação, simbólica ou real, entre a imposição do uso do estojo peniano e a regulamentação das relações entre os sexos.

## **Bibliografia:**

BYINGTON, Carlos Amadeu. *Moitará I: O simbolismo nas culturas indígenas brasileiras*. São Paulo. Editora Paulus, 2006 – pág. 165.

<sup>66</sup> Lévi-Strauss, Claude. O cru e o cozido. *Mitológicas 1*. São Paulo, CosacNaify, 2004.

DA SILVA, Maria Aracy; GRUPIONI, Luís Donizete. *A Temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. São Paulo. Editora Global, 1998 – pág. 293.

Lévi-Strauss, Claude. *O cru e o cozido. Mitológicas 1*. São Paulo, CosacNaify, 2004